

COMPOSTOS COM *FOBIA* NA LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO CONSTRUCIONAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

COMPOUNDS WITH *FOBIA* IN PORTUGUESE: A CONSTRUCTIONAL STUDY IN HISTORICAL PERSPECTIVE

Natival Almeida Simões Neto¹

Antonia Vieira dos Santos²

Ian Lezan Salvador³

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos refletir sobre os processos de mudança relacionados aos compostos com *fobia* na língua portuguesa, considerando a forma grega φοβία, a sua latinização em *phōbīa*, a sua entrada ao português no século XVI e a proliferação de formas [X-fobia]_s a partir do século XIX. São analisadas tanto formas dicionarizadas (*aracnofobia*, *claustrofobia*, *fonofobia*, *hidrofobia*, *necrofobia*), quanto não dicionarizadas (*brancofobia*, *casalfelizfobia*, *cabelobrancofobia*, *gordofobia*, *PDFfobia*, *pobrefobia*, *putafobia* e *uvapassafobia*). O nosso aporte teórico-descritivo inclui os pressupostos da Morfologia Construcional, nos termos de Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2018) e Simões Neto (2022), e Gramática de Construções de orientação diacrônica, com base em Traugott e Trousdale (2021). Dentre muitas questões, o nosso artigo intenta avaliar: (a) se, do ponto de vista formal, o padrão X-fobia do português contemporâneo deixou de ser um composto morfológico, com um elemento preso (*aracn[o]-fobia*; *fon[o]-fobia*), para ser um composto morfossintático do tipo NN (*pobrefobia*, *putafobia*); (b) como, do ponto de vista semântico, a ideia de medo patológico das primeiras realizações atestadas deu lugar ao significado de aversão e de ódio na contemporaneidade. A avaliação do comportamento formal e semântico do padrão X-fobia nos permitirá dizer se se trata de uma mudança construcional ou de uma construcionalização. Considerando a envergadura da proposta, os dados analisados advêm de variadas fontes: (i) *The Brill Dictionary of Ancient Greek* (MONTANARI, 2005), para dados do grego; (ii) *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016), para os dados do latim; (iii) *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), para formas dicionarizadas do português; (iv) *Twitter*, para as formas não dicionarizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Compostos morfológicos. Compostos neoclássicos. Morfologia histórica. Morfologia construcional. Mudança construcional.

ABSTRACT

In this paper, we intend to reflect upon the change processes associated with compounds with *fobia* in Portuguese, considering the Greek form φοβία, its Latinization with *phōbīa*, its entrance in Portuguese in the 16th century and the proliferation of [X-fobia]_s forms starting from the 19th century. Forms both dictionary-included (*aracnofobia*, *claustrofobia*, *fonofobia*, *hidrofobia* and *necrofobia*), and non-dictionary-included (*brancofobia*, *casalfelizfobia*, *cabelobrancofobia*, *gordofobia*, *PDFfobia*, *pobrefobia*, *putafobia* and *uvapassafobia*) are analyzed. Our theoretical-descriptive framework includes the assumptions of Construction

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), nativalneto@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0001-7972-2396>.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), toniavieira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-2144-8168>.

³ Universidade Federal da Bahia (UFBA), ianlezansalvador@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8318-9085>.

Morphology, as presented by Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2018) and Simões Neto (2022), and Diachronic Construction Grammar, based on Traugott and Trousdale (2021). Among many questions, our article aims to assess: (a) whether, from a formal point of view, the X-fobia pattern in contemporary Portuguese is no longer a morphological compound, with a trapped element (*aracn[o]-fobia; fon[o]-fobia*), to become a NN type morphosyntactic compound (*pobrefobia, putafobia*); (b) how, from a semantic point of view, the idea of pathological fear in the first attested drawings gave way to the meaning of aversion and hatred in contemporary times. The evaluation of the formal and semantic behavior of the X-fobia pattern will allow us to say whether it is a constructional change or a constructionalization. Considering the scope of the proposal, the data analyzed come from various sources: (a) *The Brill Dictionary of Ancient Greek* (MONTANARI, 2005), for the Greek data, (b) *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016), for the Latin data, (c) *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), for the dictionary-included forms in Portuguese, (d) *Twitter*, for the non-dictionary-included forms.

KEYWORDS: Morphological compounds. Neoclassical compounds. Historical morphology. Construction morphology. Constructional change.

Introdução

Neste trabalho, pretendemos tratar de aspectos históricos relacionados aos compostos com *fobia* no português, com base na abordagem construcional da gramática. O formativo em questão se originou no grego *φοβία*, passou ao latim *phōbīa* e chegou ao português, atestando-se tanto em formas dicionarizadas, como *aracnofobia, claustrofobia, fonofobia, necrofobia, homofobia e xenofobia*, quanto em não dicionarizadas⁴, como *brancofobia, gordofobia, pobrefobia, ricofobia, PDFfobia, cabelobrancofobia e putafobia*, encontradas em dados do português brasileiro contemporâneo. O nosso aporte teórico-descritivo inclui os pressupostos da Morfologia Construcional, nos termos de Booij (2010), Gonçalves (2016), Soledade (2018) e Simões Neto (2022), e da abordagem construcional da mudança linguística, nos termos de Traugott e Trousdale (2021).

A Morfologia Construcional (MC) é um modelo de análise morfológica proposto pelo linguista holandês Geert Booij em 2005, tendo sido publicada, em 2010, sua obra mais importante, o livro *Construction Morphology*. Esse modelo parte da noção de construção defendida na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), ou seja, um pareamento convencionalizado entre forma e significado, o que inclui palavras simples, padrões morfológicamente complexos, expressões idiomáticas, estruturas sintáticas, entre outros. Nessa abordagem, todo o conhecimento do falante acerca das construções da sua língua é listado em um *constructicon*, que se organiza por meio de redes que permitem variadas combinações de construções, desde que essas sejam compatíveis entre si. Booij (2010) chama essa combinação de *unificação*, ao passo que Gonçalves (2016) adota o termo *compatibilização*. Para entender esse mecanismo, tomemos como exemplo do português a construção [S-eir-]_s com o significado de agente profissional. Formas atestadas, como *açougueiro, carteiro, leiteiro e doceiro*, decorrem da compatibilização da construção morfológica complexa [S-eir-]_s com as palavras simples *açougue, carta, leite e doce*, que também são construções, pois apresentam uma caracterização formal associada a um significado.

⁴ Foram consideradas formas não dicionarizadas as que não constavam no *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), obra lexicográfica considerada para a coleta de dados do português.

Neste trabalho, almejamos observar historicamente o comportamento do esquema compositivo [X-fobia]_S, analisando as suas propriedades formais e semânticas e descrevendo os mecanismos de mudança observados na trajetória desse padrão morfológico. Sobre essa última questão, basear-nos-emos nos apontamentos da Gramática de Construções de orientação diacrônica, como apresentada por Traugott e Trousdale (2021). Nesse enquadramento teórico, a mudança linguística é analisada sob dois rótulos: *mudança construcional*, quando a mudança acontece em apenas um dos polos da construção (forma ou significado), e *construcionalização*, quando a mudança atinge os dois polos. Dessa maneira, ao analisarmos as mudanças que aconteceram na história de [X-fobia]_S, além de descrevermos as etapas da mudança, avaliaremos qual/quais dos rótulos, *mudança construcional* ou *construcionalização*, pode(m) ser aplicado(s) ao contexto investigado.

Para cumprirmos a proposta de análise histórica da construção morfológica de [X-fobia]_S, consideraremos dados de fontes lexicográficas, como (i) *The Brill Dictionary of Ancient Greek* (MONTANARI, 2005), para dados do grego; (ii) *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016), para dados do latim; e (iii) *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009), para formas dicionarizadas do português, e, ainda, dados do Twitter, correspondentes a formas não dicionarizadas do português.

Reconhecemos que o uso de dicionários em um trabalho que se compromete com uma linguística baseada no uso pode caracterizar um problema teórico-metodológico, uma vez que os dicionários não conseguem capturar as dinamicidades da língua em situação de interação. Por isso, ressaltamos que as análises apresentadas no artigo, frente ao aporte teórico acionado, carecem, em alguns momentos, de comprovação empírica, mas esperamos que este estudo seja o pontapé inicial para instigar reflexões sobre a composição morfológica dentro de uma abordagem diacrônica e construcional.

O nosso artigo se encontra organizado da seguinte maneira: (i) a seção 1 tratará dos compostos morfológicos, mencionando o subtipo dos compostos neoclássicos e as análises construcionais de compostos desse tipo; (ii) a seção 2 faz uma revisão dos estudos que tratam do padrão X-fobia, considerando, principalmente, trabalhos que abordam a construção correspondente no francês; (iii) a seção 3 apresenta a constituição dos *corpora*; (iv) a seção 4 traz a nossa proposta de análise; (v) na seção 5, são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

1. Considerações sobre compostos morfológicos em língua portuguesa

No âmbito da formação de palavras, a composição é entendida como um processo que envolve uma relação coordenativa, subordinativa ou modificativa entre pelo menos duas unidades lexicais, sejam radicais⁵, temas ou palavras (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016). Em língua portuguesa, os trabalhos de Villalva (2003) e de Ribeiro e Rio-Torto (2016) apresentam propostas de classificação das palavras compostas, baseando-se, principalmente, no comportamento e no estatuto dos seus elementos constitutivos.

⁵ Na visão de Ribeiro e Rio-Torto (2016), os radicais são unidades que podem ser marcadas categorialmente, ponto que se difere da abordagem proposta neste artigo.

Para Villalva (2003), os compostos da língua portuguesa podem ser classificados como morfossintáticos ou como morfológicos. São morfossintáticos os compostos que “têm estrutura híbrida, exibindo alguma das propriedades das estruturas sintáticas e algumas das propriedades das estruturas morfológicas” (VILLALVA, 2003, p. 971); e são morfológicos os compostos formados a partir de um processo de concatenação de dois ou mais radicais, com a presença de uma vogal de ligação, que têm um comportamento idêntico ao das restantes palavras (VILLALVA, 2003). Desse modo, para além da vogal de ligação, os compostos morfológicos se diferenciam dos morfossintáticos em relação às marcas flexionais.

Sendo assim, em compostos morfológicos, as desinências de gênero e número ocorrem à direita do constituinte final, característica que os aproxima das palavras simples. Nos compostos morfológicos *luso-brasileira* e *luso-brasileiros*, conforme exemplificado por Villalva (2003), as marcas flexionais de gênero e número ocorrem apenas no segundo elemento, diferentemente dos compostos morfossintáticos *surda-muda* e *surdos-mudos*, que apresentam flexão interna e externa.

Na visão de Ribeiro e Rio-Torto (2016), são percebidos três padrões de composição na língua portuguesa: a composição morfossintática, a sintagmática e a morfológica. Para as autoras, compostos morfossintáticos e sintagmáticos são formados por unidades autônomas e distinguem-se entre si quanto à observância (ou não) do padrão das estruturas sintáticas do português, isto é, os compostos morfossintáticos⁶ diferenciam-se dos sintagmáticos⁷ por apresentarem “algum grau de atipicidade relativamente aos padrões sintagmáticos do português ativos nas estruturas sintagmáticas correspondentes” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 484).

Em contraposição, os compostos morfológicos são os que incluem pelo menos um radical não autônomo. Na composição morfológica, chamam ainda atenção aspectos relacionados à seleção e à realização argumental, em que “o elemento com capacidade argumental ocorre à direita, encontrando-se à esquerda o elemento, de origem nominal, que assegura a realização do respetivo argumento interno e que funciona habitualmente como tema/objeto” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 499).

O termo *composto neoclássico* é frequentemente utilizado para se referir à composição com bases gregas e latinas (GONÇALVES, 2011, p. 8), correspondendo aos compostos formados em um contexto de expansão da ciência, o qual culminou em internacionalismos, isto é, no registro de compostos semelhantes em diferentes línguas. Nesse ponto, destacam-se as visões de Lüdeling (2009), que afirma ter o desenvolvimento da ciência propiciado o uso de uma terminologia que combina elementos neoclássicos, e de Iacobini (2004, p. 69, tradução nossa⁸), para quem os

⁶ São padrões de compostos morfossintáticos: (a) [NN], como *seguro-desemprego*, *navio-escola*, *palavra-chave*; (b) [AA], como *claro-escuro*, *passivo-agressivo*, *surdo-mudo*; (c) [VV], como *pega-pega*, *vaivém*, *bate-volta*; (d) [VN], como *saca-rolha*, *puxa-saco*, *caga-regra*.

⁷ São padrões de compostos sintagmáticos: (a) [NprepN], como em *pé-de-moleque*, *sabão em pó*, *cana-de-açúcar*; (b) [NA], como em *produção independente*, *radicais livres*, *servidor público*; (c) [AN], como em *alto relevo*, *má fé*, *baixa visão*; (d) [NprepV], como em *goma de mascar*, *ferro de passar*, *máquina de lavar*.

⁸ “[...] anche detti internazionalismi perché compaiono con il medesimo significato e con forma quasi identica in diverse lingue [...]” (IACOBINI, 2004, p. 69)

compostos neoclássicos “são também chamados de internacionalismos porque aparecem com o mesmo significado e com uma forma quase idêntica em diferentes idiomas”.

Os compostos neoclássicos não apresentam características distintas das de um composto morfológico, pois também são formados por elementos presos, apresentam marcas de flexão ao final do segundo elemento, bem como, recorrentemente, apresentam vogal de ligação e um elemento com capacidade de seleção argumental à direita. Apesar disso, não tomamos os termos *composto neoclássico* e *composto morfológico* como sinônimos, pois a composição morfológica comporta, além dos compostos formados a partir de radicais greco-latinos, compostos formados por radical vernáculo + palavra vernácula, como *franco-alemão*.

Conforme explicitado na introdução deste trabalho, buscamos como aporte teórico o modelo de análise da Morfologia Construcional. Destacamos, então, o trabalho de Gonçalves e Pires (2016), os quais afirmam que “[...] a chamada composição neoclássica também pode ser modelada por esquemas construcionais semelhantes aos da derivação e composição” (GONÇALVES; PIRES, 2016, p. 117). A partir do entendimento dos autores, no esquema geral de composição neoclássica (1), os elementos não recebem etiqueta lexical, são genericamente referenciados como X e Y, em maiúsculas, já que não são afixos, e, por não constarem do léxico, não são indexados (ou seja, não recebem os símbolos i e j, subscritos) (GONÇALVES; PIRES, 2016)

(1) Esquema geral da composição neoclássica: [X Y]_s

O esquema em (2), a seguir, é especificado em Gonçalves e Pires (2016), a partir das formações em *-dromo*, como *hipódromo*, *velódromo*, *kartódromo*, *canódromo*, *autódromo* e *sambódromo*.

(2) [X dromo]_s

Diante do exposto, entendemos que o esquema proposto por Gonçalves e Pires (2016), para a composição neoclássica, pode ser aplicado a variados esquemas de compostos morfológicos (VILLALVA, 2003; RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016), uma vez que, na composição morfológica que envolve elementos vernáculos, figuram as mesmas propriedades formais apontadas naquela que envolvem elementos eruditos.

2. Os compostos com *-fobia* no português e *-phobie/-phobe* no francês

Nesta seção, apresentamos alguns trabalhos que trataram da mesma construção no português e no francês. Em relação ao português, o padrão X-fobia foi analisado por Baptista Junior (2013), em sua dissertação de mestrado. O autor reconheceu a existência de dois significados para a construção: “pânico ou pavor” (aracnofobia, claustrofobia) e “preconceito ou intelorância” (homofobia, xenofobia, macumbofobia), mas centrou a sua discussão no encaixamento das formações com *-fobia* dentro do *continuum flexão-derivação* nos termos de Gonçalves (2011), aspecto que não exploramos

neste artigo. A nossa análise, portanto, estabelece um debate mais profícuo com os estudos feitos na construção do francês. Nesse idioma, o formativo *-phobie* (e *-phobe*) foi abordado em dois artigos: *What are you afraid of? The construction of meaning in X-(o)phobie lexemes*, de Marine Lasserre (2015), e *Les noms d'humains en -phobe*, de Bruno Oberlé (2018).

Lasserre (2015) aponta, no quadro da morfologia construcional, duas leituras para as construções X-(o)phobie⁹ em francês: “medo de X” e “hostilidade contra X”, enfatizando a importância do co(n) texto para a determinação do significado pretendido em uma determinada frase¹⁰. Para a autora, essas construções correspondem a “compostos neoclássicos”, cujo uso, apesar de ter ocorrido inicialmente no âmbito científico, se estendeu para a linguagem do dia a dia. Lasserre (2015, p. 478) defende que os falantes, embora não familiarizados com as línguas clássicas, são capazes de construir e compreender lexemas envolvendo constituintes eruditos. Isso se deve, segundo autora, ao papel exercido pela palavra líder (*leader word*), uma espécie de ponto de partida de um efeito serial¹¹. Assim, a partir de um modelo, novos lexemas podem ser construídos por analogia, à maneira de um composto clássico, mesmo que envolvam unicamente elementos nativos. Os dois sentidos expressos por *-phobie* têm como *leader words* *claustrophobie* ‘claustrofobia’/*agoraphobie* ‘agorafobia’ e *xénophobie* ‘xenofobia’/*homophobie* ‘homofobia’, pares de lexemas que denotam respectivamente medo e hostilidade, tendo esse último sentido emergido em 1821, na palavra *théophobie*, como uma extensão do primeiro significado (LASSERRE, 2015).

O estudo de Oberlé (2018) se insere no quadro das descrições semânticas e está focado nos compostos neoclássicos que denotam especificamente seres humanos, os NH-phobe, classe por ele assim representada. A construção NH-phobe corresponde a uma especificação do esquema X-phobe, que pode receber a etiqueta de nome ou adjetivo. Nessa construção, o formativo *-phobe* apresenta função de predicado relativamente ao outro elemento do composto, estabelecendo uma relação predicado-argumento: *xénophobe* ‘qui hait les étrangers’, sendo *hait* ‘odiar’ o predicado e *les étrangers* ‘estrangeiros’ o argumento. No entanto, essa propriedade não é suficiente para assegurar a semântica e o uso de construções com *-phobe*. Nesse sentido, Oberlé (2018) procura responder questões concernentes ao significado de *-phobe*, aos argumentos que esse predicado pode receber e ao uso de construções NH-phobe.

A reflexão sobre essas unidades lexicais, tanto em Lasserre (2015) quanto em Oberlé (2018), recai, num primeiro momento, na contribuição dada pelo primeiro constituinte para a interpretação do composto: quando se trata de um animal, por exemplo, as construções X-(o)phobie e X-phobe significam “(que tem) medo de X”; por outro lado, quando se trata de uma classe de humanos, X-(o)phobie e X-phobe significam “(que tem) ódio de X”, “(que tem) hostilidade contra X”. Mas pode

⁹ Por considerar que a vogal de ligação não pertence ao primeiro nem ao segundo termo, a autora a registra entre parênteses.

¹⁰ O terceiro significado, expressando repulsão e utilizado no âmbito da terminologia técnica da química, como em *hydrophobie* e *oléophobie*, não foi considerado no estudo.

¹¹ É esse efeito serial que permite considerar a vogal de ligação, apontada como uma das propriedades dos compostos neoclássicos, não obrigatória, porém altamente frequente (LASSERRE, 2015, p. 479).

ocorrer de o significado não ser o esperado, como em *clownophobie* ‘palhaçofobia’, que denota o medo de palhaços. Também os dicionários não fornecem respostas claras, como aponta Oberlé (2018, p. 193).

Sendo um elemento polissêmico, como computar o sentido de construções com -phobia (e -phobe)? “Medo de X” ou “ódio de X”? Apesar de se buscar o sentido a partir da classe do primeiro elemento – humano/ideologia (sentido de ódio), animal/objeto/situação (sentido de medo) – as relações não se mostraram tão fortes se consideradas fora de contexto, pois, segundo Oberlé (2018, p. 199), “os dois sentidos de -phobe estão presentes, simultaneamente, no espírito dos locutores”¹². Assim, haverá duas possibilidades de interpretação no caso de *arabophobe* ‘arabófono’ (“ter medo de X”/“manifestar hostilidade contra X”, “ser hostil a X”), por exemplo, o que demonstra certa permeabilidade entre os dois polos. Dessa forma, sendo insuficiente basear-se somente pela semântica do primeiro constituinte, defende-se, em ambos os trabalhos, observar a distribuição da construção X-(o)phobia/X-phobe, ou seja, é necessário integrar o contexto no estudo do significado de lexemas complexos, especialmente no caso de neologismos, pois o seu significado preciso não pode ser especificado isoladamente. Daí a importância dos corpora, pois “como repositórios de usos linguísticos, eles representam a fonte primária de informação para identificar as propriedades distributivas da palavra”¹³. Por exemplo: *souffrir de coupophobie* ‘sofrer de casalfobia’ e *souffrir de lésion cérébrale* ‘sofrer de lesão cerebral’ possuem a mesma distribuição; assim como *lésion cérébrale*, *coupophobie* foi criado como uma doença.

Ao se considerar a origem etimológica do primeiro constituinte, se clássica ou não clássica, Lasserre (2015, p. 491) observou a diferença de uso entre os sentidos de “medo” e “hostilidade”. Para a autora, um lexema X-(o)phobie com o significado “medo” prefere um elemento clássico como primeiro constituinte – geralmente, o lexema denota uma doença e, portanto, deve parecer erudito e científico –, enquanto um X-(o)phobie com o significado de “hostilidade” mostra preferência por um constituinte nativo. O raciocínio apresentado é que, nesse segundo caso, o tipo particular de hostilidade precisa ser facilmente compreendido pelo público em geral, como em *lesbophobie* ‘lesbofobia’ e *américanophobie* ‘americanofobia’ (LASSERRE, 2015, p. 492). Segundo Oberlé (2018, p. 199), o trabalho de Lasserre (2016)¹⁴ mostrou a tendência (cerca de 85%) de um formativo clássico não figurar como primeiro elemento nos compostos com a semântica [+hostilidade].

Ao analisar as definições e as paráfrases apresentadas pelos dicionários de língua selecionados, Oberlé (2018) observou que elas incluem “medo mórbido”, “aversão” e “hostilidade”. Essa distribuição, segundo o autor, corresponde àquela estabelecida por Lasserre (2016), que, na verdade,

¹² “[...] les deux sens de -phobe sont présents, simultanément, à l'esprit des locuteurs.” (OBERLÉ, 2018, p. 199)

¹³ “as repositories of linguistic usages, they represent the primary source of information to identify the word distributional properties” (LENCI, 2008, p. 9 apud LASSERRE, 2015, p. 485).

¹⁴ Esse trabalho de Lasserre, citado por Oberlé, corresponde a sua tese de doutorado (“De l'intrusion d'un lexique allogène”, Toulouse, Thèse de doctorat de l'Université de Toulouse 2), não consultada por nós.

identifica dois tipos de semantismos, medo e hostilidade, subdividindo o segundo em dois: aversão, quando o primeiro nome denota objeto, como em *théatrophobie* ‘teatrofobia’, e hostilidade, quando denota humano, como em *xénophobie* ‘xenofobia’¹⁵. Quanto aos dicionários especializados, observou que eles não registram *-phobe*, apenas *phobie*, palavra autônoma, que faz referência a doenças e não a doentes; não estão presentes, portanto, os sentidos de aversão e de hostilidade, utilizados para se referir principalmente aos humanos.

Oberlé (2018) analisou o uso de NH-*phobe* em quatro *corpora* distintos, correspondentes a diferentes discursos (imprensa/internet, documentos administrativos, legendas de filmes/séries e debates parlamentares). A análise do *corpus* evidenciou diferenças no uso de construções X-*phobe* consoante o tipo de texto. Essas construções se mostraram produtivas, sobretudo na mídia, o que pode ser observado nas criações hápax ou *ad-hoc*. De mais fácil interpretação seriam as construções com primeiro elemento nativo, enquanto criações eruditas, com um elemento grego ou latino, estariam acessíveis somente aos especialistas.

Ao discutir o significado de *-phobe*, Oberlé (2018, p. 197) informa que o *corpus* utilizado revelou um sentido um pouco diferente dos já registrados em francês: o sentido de “ignorância, de não familiaridade”, como se pode observar no exemplo em francês fornecido pelo autor:

- (3) Dans ces conditions, on peut comprendre un anglophobe comme quelqu’un qui n’est “pas compatible” avec la langue anglaise (WORT)¹⁶

Além disso, o autor observou que construções NH-*phobe* com a semântica de “ódio”, como *homophobe* e *xénophobe*, podem ser utilizadas como insulto em contextos pejorativos, principalmente, em discursos informais, podendo ser definidos como “nomes de qualidade”. No entanto, a semântica parece não totalmente estabilizada, como na dupla leitura que se pode fazer de *anglophobe*: alguém que odeia os ingleses ou alguém que simplesmente não fala inglês.

3. Constituição de *corpora*

Como antecipado no título e na introdução deste artigo, a nossa proposta de análise é diacrônica e, para isso, considera diferentes etapas da trajetória das construções com *fobia*, desde a sua origem no grego, até o português do século XXI, passando pelo latim e pelo português do século XVI ao XX.

Para o grego antigo, recolhemos as formas com o radical *-φοβ-* registradas no *The Brill Dictionary of Ancient Greek*, de Montanari (2005). Foram coletadas: (a) seis formas compostas [X-φόβος]_A; (b) nove formas prefixadas com [X-φόβος]_A; (c) duas formas compostas [X-φοβός]_S; (d) uma forma composta [X-φοβία]_S. Ao todo, 18 formas foram coletadas desse dicionário.

¹⁵ Os sentidos de aversão e de hostilidade, aplicados a não-humanos e a humanos, respectivamente, foram sintetizados por Oberlé (2018) sob o termo “ódio” (“haine”).

¹⁶ “Nessas condições, um anglófono pode ser entendido como alguém que “não é compatível” com a língua inglesa.”, onde “não ser compatível” equivale a não saber falar inglês.

Para o latim clássico, utilizamos como fonte o *Dictionnaire Latin-Français* (GAFFIOT, 2016). Recolhemos as formas com o radical *-phōb-* no referido dicionário. Isso nos rendeu: (a) quatro formas compostas [X-phōbus]_A; (b) uma forma composta [X-phōbās]_S; (c) uma forma composta [X-phōbia]_S. Ao todo, seis formas foram coletadas desse dicionário.

Os dados dicionarizados do português cobrem o período que vai do século XVI ao XX e foram recolhidos do *Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2009). Esses dados somam um total de 98 formações X-fobia. Por fim, os usos do século XXI, não dicionarizados, foram obtidos da rede social Twitter, formando um total de 76 realizações de X-fobia.

4. Quadro de análise

A nossa análise se dividirá em três etapas: (a) no primeiro momento, trataremos do funcionamento das construções X-φόβος/*-phōbus* e X-φοβία/*-phōbia* nas línguas clássicas (grego e latim); (b) no segundo momento, falaremos das construções do português, indo do século XVI, quando se atesta a primeira formação X-fobia, até o século XX; (c) no terceiro momento, serão analisadas as formações do século XXI.

4.1. Atestações nas línguas clássicas: análise de -φόβος/*-phōbus* e -φοβία/*-phōbia* no grego e no latim

Como informado, o ponto de partida da nossa análise é a discussão acerca do padrão compositivo grego com os formativos φόβος, φοβία e φοβιάς. O formativo -φοβία surge da combinação dos formativos -φόβος forma livre no grego antigo que significava ‘medo, pânico, terror’ ou indicava o objeto do medo, e -ία sufixo que aparecia na formação de substantivos abstratos que designavam qualidades, características e estados. Os formativos -φοβία e -φοβιάς eram também formas presas cujas únicas realizações são ύδροφοβία ‘hidrofobia, medo de água’, ύδροφόβας ‘hidrofobia, medo de água’ e Ιπποφοβιάς ‘medo de cavalo’. Uma sinopse desse cenário é feita Lasserre (2015):

No grego antigo, φόβος era um substantivo autônomo que denotava medo, pânico; combinado com um lexema autônomo, também poderia formar compostos adjetivais com o significado de ‘quem tem medo de alguma coisa’, por exemplo άεροφόβος, ‘quem tem medo de ar’. A forma φοβία nunca apareceu como um lexema autônomo e, de fato, era bastante rara (LASSERRE, 2015, p. 480, tradução nossa¹⁷, grifos da autora)

O primeiro aspecto digno de menção nesse cenário é o deslizamento semântico-funcional visto nas construções com φόβος. Embora a forma livre aponte para um substantivo abstrato com significado de ‘medo, pânico ou terror’, a construção de compostos X-φόβος aponta para a formação de adjetivos

¹⁷ In Ancient Greek, φόβος was an autonomous noun denoting a panic fear; combined with an autonomous lexeme, it could also form adjectival compounds with the meaning ‘who is afraid of something’, for example άεροφόβος, ‘who is afraid of air’. The form φοβία never appeared as an autonomous lexeme, and was in fact fairly infrequent (LASSERRE, 2015, p. 480).

com sentidos de experienciador, como ‘que tem medo’ ou ‘temente a’, ou causativo, como ‘que causa medo em’. Exemplos disso são: *ἀεροφόβος* ‘que tem medo de ar’, *αἰμοφόβος* ‘que tem medo de sangue’, *δηιφόβος* ‘que causa terror ao inimigo’, *θεόφοβος* ‘temente a Deus’, *ὕδροφόβος* ‘que sofre de hidrofobia’ e *ψυχροφόβος* ‘que tem medo de água fria’.

Um segundo aspecto que vale mencionar no grego é a existência de formas prefixadas¹⁸ com φόβος. Alguns exemplos são: *έκφοβος* ‘assustado, apavorado’, *έμφοβος* ‘terrível, assustador’, *έπίφοβος* ‘assustador, terrível’, *κατάφοβος* ‘com medo, assustado’, *παντοφόβος* ‘com medo de tudo’, *περίφοβος* ‘cheio de medo ou pânico’, *ύπέρφοβος* ‘muito assustador, terrível’ e *ύπόφοβος* ‘com um pouco de medo, assustado’. Embora essas formações prefixadas não tenham sido objeto central da nossa análise, devemos destacar que todas são adjetivos, o que corrobora o entendimento da existência de uma forma presa -φόβος atuante em formações adjetivais.

A nossa hipótese, que ainda carece de comprovações empíricas, é de que o substantivo φόβος do grego tenha passado por um processo de gramaticalização semelhante ao que ocorreu com o substantivo *mente*, no português. Nos dois casos, os substantivos chegaram a um estágio avançado de gramaticalização, tornando-se formativos atuantes na criação de palavras de categorias mais gramaticais, como adjetivos, no caso de X-φόβος, e advérbios, no caso de X-mente. Mesmo tendo alcançado tal posição no *cline* de gramaticalização, os usos originais como formas livres não deixaram de existir nas línguas em questão, importando mencionar que há diferenças semânticas entre os usos como formas livres e como formas presas.

Vale ressaltar que, neste artigo, usamos o conceito de *gramaticalização* conforme o paradigma funcionalista (GIVÓN, 1979; HOPPER, 1991), que o explorou demasiadamente. No funcionalismo clássico, a gramaticalização acontece quando um item lexical se torna mais gramatical, ou quando um elemento gramatical se torna ainda mais gramatical. Esse processo é apresentado através de um *cline/continuum* que vai do léxico à gramática, com elementos de várias categorias sendo sequenciados nesse esquema. Ainda que os modelos mais recentes de cariz funcionalista, como o de Traugott e Trousdale (2021), tenham passado a interpretar os eventos de mudança através dos rótulos de *mudança construcional* e *construcionalização*, que se aplicam à construção, e não ao item, concordamos com Oliveira e Sambrana (2022), no entendimento de que os conceitos de gramaticalização e mudança construcional/construcionalização podem ser compatibilizados na interpretação de alguns fenômenos.

Quanto à integração de X-φόβος com X-ία na criação de X-φοβία, hipotetizamos a existência de dois procedimentos. O primeiro é o *chunking*, entendido nos termos de Bybee (2016), como um processo mnemônico, em que unidades menores vistas juntas com frequência podem ser armazenadas na memória como um elemento único, formal e semanticamente, dificultando, em muitos casos, a apreensão das partes menores inicialmente envolvidas. A nossa hipótese sobre o *chunking* em -φοβία se baseia na compreensão de que já não era possível, do ponto de vista semântico, decompor os dois

¹⁸ Houaiss e Villar (2009) apresentam os respectivos correspondentes portugueses *ex-*, *en-*, *epi-*, *peri-*, *cata-*, *panto-*, *hiper-* e *hipo-* como prefixos, posição com a qual concordamos e que parece se aplicar às formações gregas listadas.

formativos originais, -φόβος e -ία, e propor uma paráfrase adequada, como ‘a qualidade de quem tem medo de’, em que os significados de -φόβος e -ία fossem devidamente contemplados.

A partir da observação da gênese da construção X-φοβία como um todo, sugerimos que, em meio à gramaticalização de φόβος, aqui defendida como uma hipótese, o que era um substantivo originalmente passa a atuar na formação de adjetivos que mantêm alguma relação semântica com o significado do nome original, pois o significado de ‘medo’, advindo do substantivo, se mantém na construção adjetiva que qualifica alguém ‘que tem medo de algo’ ou ‘que provoca medo’. Na concatenação morfológica de -φοβία, o sufixo -ία está na última posição, atuando na determinação da classe de palavras dos compostos formados com -φοβία, que são substantivos. Assim o -ία cumpre o papel de transcategorização, fazendo com que um adjetivo X-φόβος passe a substantivo X-φοβία. A mudança de categoria lexical é bastante comum na derivação sufixal, e o processo em que, a partir de adjetivos, são derivados substantivos abstratos são recorrentes na morfologia derivacional não só do grego, mas também do latim e do português (SIMÕES NETO, 2021).

O segundo procedimento que estaria envolvido na gênese de -φοβία é a analogização, definida por Fischer (2009) como um recurso de base metonímica em que, a partir de estruturas já consagradas na língua, criam-se outras instantaneamente. Em se tratando de X-φοβία, podemos perceber uma analogização, ou alinhamento, com outros padrões compositivos do grego antigo, como X-γραφία ‘X-grafia’, X-λογία ‘X-logia’ e X-μανία ‘X-mania’, que também apresentam a combinação de um radical com o sufixo -ία.

Não podemos dizer, em relação ao grego, que o padrão [X-φοβία]_s era profícuo, pois só há uma possível realização desse padrão. É possível afirmarmos que o esquema [X-φοβία]_s na língua grega, era do tipo relacional (JACKENDOFF; AUDRING, 2020; GONÇALVES, 2021), uma vez que não apresentava produtividade, mas era transparente e regular morfológica e semanticamente, podendo ser apreendido pelo cotejo entre o *input* (ὑδωρ) e o *output* (ὑδροφοβία). Com isso, queremos dizer que, embora ὑδροφοβία ‘hidrofobia’ pudesse ser uma criação hápax com o padrão X-φοβία no grego, a sua esquematização era potencialmente possível, pois a base ὑδωρ ‘água’ estava disponível, o que permitia ao falante identificar a contribuição semântica das partes envolvidas.

Os formativos gregos -φόβος e -φοβία foram latinizados como *-phōbus* e *-phōbīa*, que já não aparecem como formas livres. Não há, no latim, criações com os referidos formativos. Os poucos exemplos de formações com esses itens são heranças do grego: *āērōphōbus* ‘que tem medo de ar’, *hýdrōphōbus* ‘que tem medo de água’, *pantōphōbōs* ‘que tem medo de tudo’ e *hydrōphōbīa* ‘hidrofobia, medo de água’. O elemento *hýdrō* já não era usado em latim como forma livre, aparecendo somente como um radical preso em formações herdadas do grego, como *hýdreuma* ‘reservatório de água para caravanas’, *hýdrīa* ‘jarro onde se coloca água’, *hýdrōmantīa* ‘hidromancia, adivinhação por meio de líquidos, especialmente, a água’, *hýdrōphýlax* ‘guardião das águas’, *hýdrōpīcus* ‘hidrópico, que apresenta hidropsia’ e *hýdrōps* ‘hidropisia, patologia que envolve derramamento de líquidos pelos tecidos’. Todas essas formas relacionam *hýdr-* ao significado original de ‘água’, o que permite supor

que o falante do latim era capaz de abstrair um esquema relacional de onde se depreende o *hýdr-* em *hydrōphōbīa*. Por tabela, esse mesmo falante deveria ser capaz de depreender que era o *-phōbīa* o responsável pelo significado de ‘medo’ no composto em questão.

No quadro 1, a seguir, apresentamos uma proposta de esquematização do funcionamento dos formativos *-φόβος/-phōbus* e *-φοβία/-phōbīa* nas línguas clássicas, apontando prováveis estágios da mudança linguística. Mais uma vez, ressaltamos que essa proposta de análise constitui uma hipótese, a ser validada, futuramente, por pesquisas baseadas em dados empíricos.

Quadro 1: Proposta de trajetória de *X-φόβος/-phōbus* e *X-φοβία/-phōbīa* nas línguas clássicas

Estágio 1: substantivo φόβος

<[φόβος]_{Sj} ↔ [medo, terror, pânico]_j>

Estágio 2: gramaticalização de φόβος

<[Xi-φόβος]_{Aj} ↔ [que tem medo de SEM X_{i,j}]>

Estágio 3: chunking de -φόβος e -ία

<[Xi-φόβος]_{Aj} ↔ [que tem medo de SEM X_{i,j}]>

+

<[XAi-ία]_{Sj} ↔ [característica relacionada a SEM X_{Ai,j}]>

Estágio 4: fixação de φοβία como elemento compositivo

<[Xi-φοβία]_{Sj} ↔ [medo ou pânico de SEM X_{i,j}]>

Estágio 5: latinização de -φόβος e -φοβία

-φόβος > *-phōbus*

-φοβία > *-phōbīa*,

Fonte: elaborado pelos autores.

4.2. Formas dicionarizadas de *fobia* no português: do século XVI ao século XX

Conforme a datação apresentada no dicionário de Houaiss e Villar (2009), foi no século XVI que o primeiro composto com *fobia* apareceu na língua portuguesa escrita e, não surpreendentemente, foi *hidrofobia*, herança do grego que chegou ao português por via do latim. Três séculos depois, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, começaram a aparecer formações inovadoras que descrevem, na maioria dos casos, medos patológicos, horrores mórbidos e temores. Alguns exemplos, com respectivos significados e datações, são: *aerofobia* (‘medo do ar’, 1818), *agorafobia* (‘medo de lugar aberto’, 1899), *androfobia* (‘temor mórbido ao sexo masculino’, sem data), *antropofobia* (‘medo dos homens de forma geral, das organizações sociais e aglomerações’, 1899), *astrofobia* (‘medo de corpos celestes’, 1899), *biofobia* (‘horror doentio à vida’, 1899), *bibliofobia* (‘horror a livros’, 1922), *claustrofobia* (‘medo de espaço fechado’, 1899), *cleptofobia* (‘medo de vir a roubar’, 1958), *elurofobia* (‘medo mórbido de gatos’, século XX), *fonofobia* (‘medo de qualquer

som ou ruído’, 1899), *fotofobia* (‘horror a luz’, 1873), *ginecofobia* (‘repulsa ou medo doentio das mulheres’, século XX), *hematofobia* (‘medo de sangue’, 1873), *ictiofobia* (‘medo mórbido de peixes, 1926), *necrofobia* (‘medo mórbido da morte ou dos mortos’, 1858), *pantofobia* (‘medo mórbido de tudo’, 1873), *pirofobia* (‘medo de fogo’, século XX), *potamofobia* (‘medo doentio dos rios’, 1899), *talassofobia* (‘pavor do mar’, 1899), *tanatofobia* (‘temor doentio da morte’, 1899), *teofobia* (‘horror a Deus’, 1836), *topofobia* (‘medo mórbido de certos lugares’, 1899), *uiofobia* (‘aversão aos próprios filhos’, 1858) e *zoofobia* (‘medo de animais’, 1899).

As formações mencionadas são apresentadas por Houaiss e Villar (2009) com a rubrica de *psicopatologia*, sendo, portanto, objetos de interesse de áreas como a Psicologia e a Psiquiatria. Foi em meio a essa proliferação de compostos X-fobia, que aconteceu a lexicalização de *fobia* no português¹⁹. A lexicalização é o processo inverso da gramaticalização, em que uma forma gramatical, nesse caso, um elemento compositivo preso, se torna menos gramatical e/ou mais lexical²⁰. No caso de *fobia*, tornou-se uma forma autônoma da categoria dos substantivos. Segundo Houaiss e Villar (2009), o primeiro registro da forma autônoma *fobia* é de 1890.

Devemos apontar, acerca desse primeiro momento das formações em *fobia* no português, que houve uma mudança no estatuto de geratividade do esquema X-fobia. Do século XVI até meados do século XIX, registrava-se, no português, apenas *hidrofobia*, uma herança greco-latina. Com raríssimas exceções, como *agorafobia*, essas formações tomadas como inovadoras mantêm o padrão formal clássico: radical preso de origem erudita + vogal de ligação /o/ (típica dos compostos gregos) + *fobia*. Do ponto de vista semântico, o medo que já aparecia na formação mais antiga, *hidrofobia*, é, agora, retratado como uma psicopatologia. O objeto do medo é a contribuição semântica do radical à esquerda.

No século XX, compostos X-fobia que designam psicopatologias continuaram a ser documentados no português. Destacam-se, nesse momento, formações cujos significados flutuam entre o domínio das psicopatologias e de regimes de exclusão social. São os casos de *homofobia*²¹

¹⁹ Entre a segunda metade do século XIX e o começo do XX, a Psicanálise desponta como um importante método de investigação da psique humana. A principal figura dessa área é Sigmund Freud, psiquiatra e neurologista austríaco. Outros nomes que se destacaram nesse período foram: (a) George Beard, que tratou da neurastenia; (b) Pierre Janet, que descreveu ansiedade, fobias e estados de desordem mental; (c) Théodule-Armand Ribot, que contribuiu significativamente para os estudos sobre ansiedade generalizada e tratamentos de fobias específicas. Foi nesse cenário, com a descrição de variadas fobias, que *fobia* foi usada como uma forma livre, inicialmente em línguas como francês, alemão e inglês, depois, no português. Destaque nesse sentido é a publicação da obra “Analysis of a *phobia* in a five-year-old boy” (1909), de Sigmund Freud. Sobre esse percurso histórico das fobias, recomendamos os textos de Nardi (2006), Zorzaneli (2010), Coutinho, Dias e Bevilacqua (2013) e Silva e Lima (2018).

²⁰ Sobre o uso do conceito de lexicalização neste trabalho, valem as mesmas considerações em relação ao uso de gramaticalização. Acreditamos que, no tratamento do fenômeno aqui explorado, a lexicalização possa ser compatibilizada com a abordagem construcional da mudança.

²¹ Sobre a história do termo/conceito homofobia, Costa e Nardi (2015) explicam: “George Weinberg publica, em 1972, *Society and the Healthy Homosexual (A Sociedade e o Homossexual Saudável)*, introduzindo o conceito homofobia: ‘Homofobia é o pavor de estar próximo a homossexuais – e no caso dos próprios homossexuais, autoaversão’ (WEINBERG, 1972, p. 8). O livro popularizou o termo e introduziu o preconceito contra orientação sexual como um problema acadêmico digno de análise e intervenção. O projeto de Weinberg tinha duplo sentido, a preocupação política

(‘aversão, ódio ou rejeição a homossexuais ou à homossexualidade’) e *xenofobia*²² (‘hostilidade a pessoas estranhas ao meio, ou que vem de fora de um determinado país ou qualquer outra localidade’). Embora o medo patológico e o horror mórbido possam envolver algum tipo de rejeição enfática, a aversão denunciada nessas novas formações envolve categorias sociais minoritárias, configurando um mecanismo de opressão de caráter estrutural. Nesse caso, houve uma mudança semântica atinente ao padrão X-fobia. Do ponto de vista formal, não houve mudanças, uma vez que continuam a ser usados radicais eruditos de origem grega e a vogal de ligação. A nossa hipótese é de que houve, nesse primeiro momento, uma mudança construcional, ou seja, mudança apenas em um dos polos da construção.

No quadro 2, a seguir, hipotetizamos a trajetória da construção X-fobia no português, considerando as etapas da mudança relacionadas ao período que vai do século XVI ao XX.

Quadro 2: Proposta de trajetória de X-fobia na língua portuguesa (até o século XX)

<p>Estágio 1: herança da forma latina <i>hidrofobia</i> <[[hidr-]o[-fobia]]_{Sj} ↔ [medo de água]_j></p> <p>Estágio 2: mudança no estatuto de produtividade da construção X-fobia, introdução de novas formações e esquematização da construção <[X_{rad-erudi}-(o)-[fobia]]_{Sj} ↔ [medo patológico, horror mórbido a SEM_{Xrad-erudi}]_j></p> <p>Estágio 3: lexicalização de <i>fobia</i> <[fobia]_{Sj} ↔ [medo patológico; horror mórbido; temor excessivo]_j></p> <p>Estágio 4: mudança construcional nas construções X-fobia. <[X_{rad-erudi}-o-[fobia]_{Sj}]_{Sj} ↔ [aversão, ódio ou preconceito com SEM_{Xrad-erudi}]_j></p>
--

Fonte: Elaborado pelos autores.

4.3. As construções X-fobia no século XXI: os usos no Twitter

No século XXI, com o avanço e a popularização de tópicos da Sociologia, Antropologia e Estudos Culturais, começa a haver uma nova proliferação de formas X-fobia no português. Exemplos não atestados no dicionário consultado, mas que circulam em diversos ambientes de discussão, são: *gordofobia* (aversão a pessoas gordas), *putafobia* (aversão a prostitutas e demais profissionais do sexo), *transfobia* (aversão a pessoas transgênero), *lesbofobia* (aversão a lésbicas) e *idosofobia* (aversão a pessoas idosas). Nesses exemplos, é mantida a ideia de uma aversão envolvida em um preconceito ou um regime de opressão estrutural. Sem entrarmos no mérito da legitimidade das

(mais que teórica) em fornecer ferramentas de luta para o movimento gay da época e, também, a de situar a discriminação contra homossexuais no campo da patologia, via a ideia de fobia (HEREK, 2004)” (COSTA; NARDI, 2015, 717, grifos dos autores).

²² Correia (2020) explica que, para a palavra xenofobia, “a Infopédia apresenta duas aceções: ‘antipatia ou aversão pelas pessoas ou coisas estrangeiras’ e ‘preconceito ou atitude hostil contra o que é de outro país ou de outro meio’. A palavra terá entrado em português no século XX pelo francês, onde é atestada no final do século XIX. O Merriam Webster assegura-nos que a primeira atestação em inglês ocorre no *Daily News*, já em 1880” (CORREIA, 2020, p. 1, grifos da autora).

opressões designadas pelas formas, cabe mencionar também a existência de *brancofobia* (aversão a pessoas brancas) e *magrofobia* (aversão a pessoas magras), normalmente tomadas como reacionárias, pois identificariam um regime de opressão irreal na nossa sociedade. Todos os exemplos mencionados seguem, semanticamente, o modelo de *homofobia* e *xenofobia*.

A popularização das discussões é também acompanhada pela satirização dos termos. É nesse contexto que aparecem usos, como de (4) a (19), todos extraídos do Twitter.

- (4) *A noitefobia* é gritante da parte deles, acham que mortes só acontecem durante o dia! (@lillymoreno, 24 jan 2022)
- (5) Essa jornalista mediocre precisa urgentemente de um psiquiatra... Que ser intragável!! Estou com *Globofobia*!!!!!! (@AntonioLaurent1, 18 abr. 2019)
- (6) sinceramente isso do iphone 7 não receber o ios16 é muito *pobrefobia* (@deslaratadina, 12 set 2022)
- (7) Bem vinda aos estudantes q tem “*PDFfobia*” (@marohmyb, 28 jun 2021)
- (8) A partir de hoje vou militar contra a *loiraodontofobia*. Essa minoria não pode mais ser perseguida!!!! (@rafonildx, 2 fev 2021)
- (9) a jade e a linn sofrendo *gostosafobia* nessa casa desumano viu (@interestellr, 25 jan 2022)
- (10) Meu, não aguento ouvir a voz do Bolsonaro, adquiri uma doença desde 2018 que é *Bolsofobia*. Quero a cura pro dia 2 de outubro urgentemente!!! (@AngellMari1, 29 set 2022)
- (11) dia 12 dos namorados quero avisa que irei sim dar block em qm posta coisa de casal, presentes entre outros.. pois tenho *casafelizfobia* e não suporto casais felizes. Obg (@cybgrz, 2 jun 2021)
- (12) Os gay fã do Arthur que estão falando sobre *padraofobia* kkkkk gente? A The week precisa abrir logo viu (@EuRebecan, 28 abr 2021)
- (13) Como muitos já devem ter notado, tenho *aparelhofobia*, não é culpa minha é uma doença que não me deixa ficar com quem usa aparelho nos dentes (@Yurii_Saito, 14 dez 2016)
- (14) Qd ele fala em *peitocaídofobia* notei q ele olha para a jornalista. Teria sido inspiração para o termo? (@Adrian44133190, 17 fev 2019)
- (15) Evite a *uvapassafobia* nesse natal. Vou me desconstruir hj (@MiRojaPiel, 24 dez 2019)

- (16) Estranhando ainda não ter textão “precisamos falar sobre a *abóborafobia* da Taís Araujo” (@Cardoso, 17 mai 2017)
- (17) caras o kihyun vai ter que raspar a cabeça pro exército de qualquer forma mesmo, pq vcs tão militando com isso mano... isso daí é *carecafobia* (@lockeywon, 16 set 2020)
- (18) Denunciei 2 contas e o TT acaba de informar que encerrou as mesmas por propagação de ódio, nesse caso contra os cristãos. Fazamos disso um costume. *Cristãofobia* não! (@SaraLaurian, 23 set 2020)
- (19) Isso dai é *coxa-brancafobia* (@schueda__, 4 set 2021)

Os dados apresentados de (4) a (19) mostram que, diferentemente das formações vistas na seção 4.2, que mantinham o padrão grego clássico, utilizando inclusive radicais eruditos, as novas formações usam preponderantemente elementos vernáculos de diferentes categorias. No quadro 3, a seguir, destacamos a heterogeneidade das categorias que são compatibilizadas com o padrão [X-fobia]_s.

Quadro 3: Categorias usadas nas formações X-fobia do século XXI

Categorias	Exemplos
Nome simples	noitefobia, cufobia, cristãofobia, aparelhofobia
Nome composto	coxa-brancafobia, loiraodontofobia, uvapassafobia
Nome próprio	dilmafobia, lulafobia, globofobia
Sintagma nominal	cabelobrancofobia, água de azeitonafobia, casalfelizfobia
Adjetivo	tristefobia, gostosafobia
Siglas	PDFfobia, PTfobia
Splinter	bolsofobia

Fonte: Elaborado pelos autores

Ainda que a sistematização do quadro 3 ilustre a tendência à vernacularização do padrão X-fobia, não podemos dizer que o padrão grego clássico tenha sido abandonado por completo, seja pela eventual utilização de radicais eruditos, como em *aporofobia* ‘aversão a pobres’, seja pelo uso da vogal de ligação, como visto nas formas *aboborofobia*, *carecofobia*, *lulofobia*, *noitefobia* e *tristofobia*. Esses casos não deixam dúvidas quanto ao acionamento da vogal de ligação. Entretanto, nas formas *gordofobia*, *ricofobia*, *brancofobia*, *aparelhofobia* e *globofobia*, a classificação dessa vogal pode ser imprecisa, pois pode ser interpretada como vogal de ligação ou como a vogal temática do primeiro elemento do composto. Nessa segunda interpretação, não haveria, portanto, o elemento de ligação.

Insta salientar que, não obstante, a tendência à vernacularização do padrão, com uso recorrente de formas livres do português na posição à esquerda, não se pode afirmar que o padrão X-fobia tenha passado ao padrão de composição morfossintática NN, como *sofá-cama*, *palavra-chave*, *navio-escola* e *peixe-agulha*. O aspecto crucial que faz com que X-fobia continue sendo um padrão de

composição morfológica é a restrição à flexão interna, isto é, há mais restrições para **aparelhosfobia* e **tristesfobia* do que para *palavras-chave* e *navios-escola*, por exemplo²³.

Por último, cabe mencionar que, embora a construção de aversão/ódio tenha sido mais recorrente entre as formações do século XXI, a construção de medo não deixou de produzir novas instanciações. Alguns exemplos podem ser vistos de (20) a (23).

- (20) eu podia ter sei lá *cobrafobia* mas não! tenho medo de aranha, sabe onde tem aranha? EM TODO LUGAR (@hwpkins, 27 fev. 2022)
- (21) sofrendo de preconceito graças a minha *gatofobia* pois aparentemente eu nao posso ter medo de gatos pois eles tem medo de mim, bom eu tenho mais!!!! (@baielas, 6 abr. 2021)
- (22) quem ligou o fogo foi ela, tenho muuuito medo de me queimarr, é tipo fogofobia (@_nataliarangel, 22 dez. 2012)
- (23) pensei que eu fosse a única que tinha *michaelfobia*, tenho pavor desse homem KKKKKKK #bbb23 (@jubsbieber, 01 fev. 2023)

Ao compararmos as realizações apontadas na seção 4.2 com as desta seção, podemos postular que houve a implementação de mais um estágio no processo de mudança. Dessa vez, a mudança construcional aconteceu no polo da forma, por meio da tendência à vernacularização dos elementos que preenchem o slot X. No quadro 4, fazemos o referido acréscimo.

Quadro 4: Proposta de trajetória de *-fobia* na língua portuguesa (até os dias atuais)

Estágio 1: herança da forma latina *hidrofobia*

<[[hidr-]o[-fobia]]_{Sj} ↔ [medo de água]_j>

Estágio 2: mudança no estatuto de produtividade da construção X-fobia, introdução de novas formações e esquematização da construção

<[X_{rad-erudi}-(o)-[fobia]]_{Sj} ↔ [medo patológico, horror mórbido a SEM_{Xrad-erudi}]>

Estágio 3: lexicalização de *fobia*

<[fobia]_{Sj} ↔ [medo patológico; horror mórbido; temor excessivo]_j>

Estágio 4: mudança construcional nas construções X-fobia.

<[X_{rad-erudi}-o-[fobia]]_{Sj} ↔ [aversão, ódio ou preconceito com SEM_{Xrad-erudi}]>

Estágio 5: mudança construcional nas construções X-fobia/mudança no polo da forma

<[X_{elem-verni}-(o)-[fobia]]_{Sj} ↔ [aversão, ódio ou hostilidade a SEM_{Xelem-verni}]>

Fonte: elaborado pelos autores

²³ Foram encontrados no Twitter dados de *ricosfobia*, *cobrasfobia*, *gordosfobia*, *brancosfobia* e *gatosfobia*. Esses casos, ainda que pareçam, não são contraexemplos em relação ao aspecto que mencionamos. Quando falamos de uma flexão interna de número, isso diz respeito a um contraste [singular: um] e [plural: mais de um], o que pode ser visto na comparação entre *palavra-chave* (sing) / *palavras-chave* (pl) e *navio-escola* (sing) / *navios-escola* (pl). Em *ricosfobia* e congêneres, não há o referido contraste. Parece haver nesses casos uma variação formal, como em *saca-rolha* (sing) / *saca-rolhas* (sing/pl) e *bate-estaca* (sing) / *bate-estacas* (sing/pl). Mais estudos são necessários para se confirmar esse aspecto.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos, a partir de uma perspectiva construcional diacrônica, a trajetória da construção X-fobia, considerando a sua origem no grego, a sua passagem no latim e a sua chegada ao português, com dois eventos de proliferação, um no século XIX, outro no século XXI. O esquema X-fobia é um padrão de composição morfológica neoclássica (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016; GONÇALVES; PIRES, 2016), que, inicialmente, concatenava apenas radicais presos de origem grega.

No nosso trabalho, defendemos a hipótese de que o surgimento do elemento compositivo -φοβία, no grego, foi decorrente de, pelo menos, dois processos. O primeiro foi a gramaticalização do substantivo φόβος ‘medo, pânico, horror’, que passou a figurar como o formativo preso -φόβος, que atuava na formação de adjetivos e apresentava o significado ‘que tem medo de’ ou ‘que causa medo em’. O segundo foi um *chunking* entre o elemento compositivo -φόβος e o sufixo nominalizador deadjetival -ία, que estabeleceu a criação de -φοβία, item que só existia como constituinte preso no grego e tinha o significado de ‘medo’. A única forma encontrada com -φοβία no grego foi ύδροφοβία ‘hidrofobia, medo de água’ (LASSERRE, 2015). Apesar de ser caso único, o caráter transparente da formação, tanto formal quanto semanticamente, levou-nos a sugerir que era possível a apreensão do esquema morfológico $\langle [X_i\text{-φοβία}]_{sj} \leftrightarrow [\text{medo de SEM } X_i]_j \rangle$ na língua grega, ainda que, aparentemente, esse não fosse gerativo/produtivo. Essa pouca proficuidade se manteve no latim, que só apresentou a forma herdada *hydrōphōbīa*, cabendo ressaltar que, também nessa língua, *phōbīa* continuou sendo apenas um formativo preso.

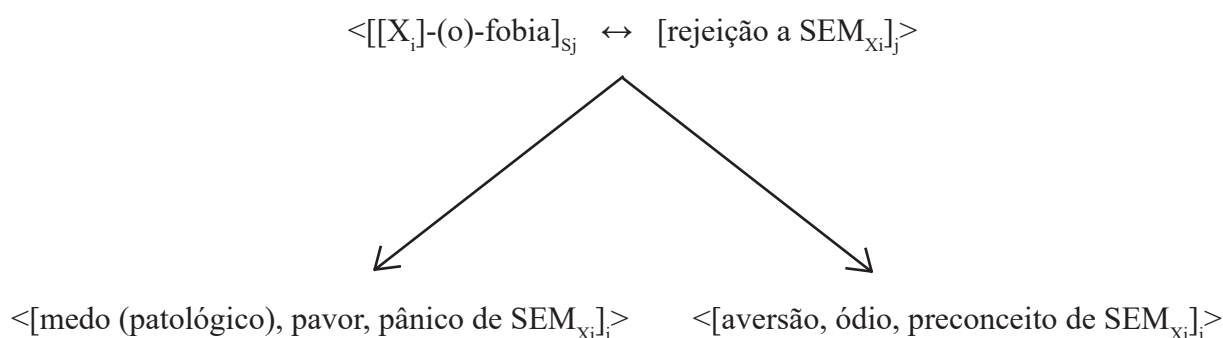
No português, a primeira forma documentada foi *hidrofobia*, na segunda metade do século XVI. Conforme as datações apresentadas nas formas atestadas em Houaiss e Villar (2009), *hidrofobia* continuou sendo a única forma X-fobia até meados do século XIX, quando, em meio à revolução técnico-científica do período, proliferam novas formações, como *agorafobia*, *claustrofobia*, *elurofobia*, *hematofobia*, *necrofobia*, *pirofobia*, *topofobia* e *zoofobia*, todas do âmbito da Psicologia e da Psiquiatria. Tal movimento foi visto também em trabalhos acerca do correspondente francês X-phobie (LASSERRE, 2015; OBERLÉ, 2018). Essas primeiras inovações do século XIX seguem o padrão formal clássico com um radical preso de origem erudita, a vogal de ligação /o/ e o formativo preso *fobia*, que, no final desse mesmo século, se lexicaliza, tornando-se uma forma autônoma no português. Do ponto de vista semântico, o medo que já era descrito em *hidrofobia* é tratado como uma psicopatologia, revelando uma especialização do significado original da construção. No século XX, os estudos da Sociologia fornecem as formas *homofobia* e *xenofobia*, que são acionadas para tratar de contextos de aversão, preconceito e discurso de ódio. Essas duas formas, apesar de apresentarem uma diferença semântica em relação às psicopatologias do século XIX, seguem o mesmo padrão formal.

No século XXI, é a vez das construções X-fobia de aversão proliferarem. A partir do modelo de *homofobia* e *xenofobia*, aparecem realizações, como *gordofobia*, *putafobia*, *transfobia*, *lesbofobia*, *idosofobia*, *brancofobia* e *magrofobia*. O cenário atual tem evidenciado a necessidade de determinados falantes de darem nome a todo tipo de violência simbólica existente na nossa sociedade, causando o

que poderíamos chamar de um ‘excesso terminológico’, no sentido de haver a cunhagem de vários termos com muitas especificidades nem sempre compreendidas pela população comum. O fato de muitos desses termos com X-fobia terem sido criados e institucionalizados por grupos sociais ligados a uma ideologia progressista e esquerdista fez com que essas formações tenham passado a ser ridicularizadas, e o esquema X-fobia ficou também a serviço da criação de termos visivelmente satíricos, como *aparelhofobia*, *loiraodontofobia*, *uvapassafobia*, *casalfelizfobia*, *abóborafobia*, *cufobia*, *ricofobia*, *pobrefobia*, *gostosafobia*, *tristefobia*, *PDFfobia*, *lulafobia*, *bolsofobia*, entre outras. Esses exemplos mostram que está havendo uma mudança na organização da construção do ponto de vista formal. Se, antes, eram os formativos presos eruditos que figuravam à esquerda, agora, são elementos vernáculos, em sua maioria, livres que são compatibilizados com a construção X-fobia. Notamos também uma tendência ao não uso da vogal de ligação -o- em muitas dessas novas formações²⁴. Apesar dessas mudanças, e da já comentada lexicalização de *fobia*, não podemos dizer que o composto morfológico X-fobia tenha se tornado um composto morfossintático do tipo NN (palavra-chave, sofá-cama, navio-escola), pois há propriedades formais, como a impossibilidade de flexão interna, que inviabilizam essa análise. Cabe ainda ressaltarmos que, mesmo com a maior produção de construções de aversão, as de medo não deixaram de ser produzidas. Exemplos novos foram *cobrafobia*, *fogofobia*, *gatofobia* e *michaelfobia*.

Em suma, sugerimos que a trajetória da construção X-fobia, considerando todas as suas etapas, pode ser interpretada como um exemplo de construcionalização, pois houve mudanças tanto no polo formal quanto semântico. Do ponto de vista formal, identificamos as seguintes mudanças: (a) gramaticalização de φόβος; (b) *chunking* entre -φόβος e -ία; (c) fixação do esquema X-φοβία no grego; (d) lexicalização de *fobia* no português; (e) tendência à vernacularização dos elementos que preenchem o slot de X-fobia no português. Do ponto de vista semântico, as mudanças foram: (a) especialização do *medo* em *medo patológico*; (b) mudança de *medo* para *aversão*, *ódio* e *preconceito*.

Para finalizar, apresentamos o estado atual das construções X-fobia no português, considerando todos os aspectos formais e semânticos relatados ao longo do artigo.



²⁴ Sobre *uvapassafobia*, *casalfelizfobia*, *abóborafobia*, *cufobia*, *pobrefobia*, *gostosafobia*, *tristefobia*, *PDFfobia*, *lulafobia*, vale destacar que não há a ambiguidade em relação à vogal /o/, outrora comentada. Nesses casos, ela sequer aparece. Por isso, mencionamos “tendência a não uso da vogal de ligação” nesse contexto, ao invés de ambiguidade.

Referências

- BAPTISTA JUNIOR, A. O. *O elemento -fobia no continuum derivação-composição em português*. 2013. 83f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CORREIA, M. Que nos contam as palavras “racismo” e “xenofobia”? *Diário de Notícias*, Lisboa, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/que-nos-contam-as-palavras-racismo-e-xenofobia-12550779.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- COSTA, A. B.; NARDI, H. C. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, pp. 715-26, 2015.
- COUTINHO, F. C.; DIAS, G.P.; BEVILAQUA, M. C. N. História. *Transtorno de Pânico - Coleção Teoria e Clínica*. Porto Alegre: Artmed, 2013, pp. 17-26.
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? *Vienna English Working Papers*, v. 18, n. 2, pp. 3-23. 2009.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Nouvelle édition revue et augmentée, dite Gaffiot 2016. Paris: Hachette, 2016.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. A. Algumas notas sobre Morfologia Relacional: uma “prima” da Gramática das Construções. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 41, pp. 290-314, 2021.
- GONÇALVES, C. A.; PIRES, J. A. de O. Uma abordagem construcional para as formações X-dromo do português brasileiro. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, pp. 106-26, jan. 2016.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (ed). *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp. 17-36.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

- IACOBINI, C. Composizione con elementi neoclassici. In: GROSSMANN, M.; RAINER, F. (eds). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, pp. 69-95.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The Texture of the Lexicon: Relational Morphology and the Parallel Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- LASSERRE, M. What are you afraid of? The construction of meaning in X-(o) phobie lexemes. *Acta Linguistica Hungarica*, Budapeste, v. 62, n. 4, pp. 477-95, 2015.
- LÜDELING, Anke. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009
- MONTANARI, F. *The Brill Dictionary of Ancient Greek*. Leiden; Boston: Brill, 2005.
- NARDI, A. E. Some notes on a historical perspective of panic disorder. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 55, pp. 154-60, 2006.
- OBERLÉ, B. Les noms d'humains en -phobe. In: SCHNEDECKER, C.; MIHATSCH, W. (eds.). *Les noms d'humains - théorie, méthodologie, classification: nouvelles approches en sémantique lexicale*. Berlin / Boston: de Gruyter, 2018, pp. 185-228.
- OLIVEIRA, M. R.; SAMBRANA, V. R. A complementaridade da gramaticalização e da construcionalização para a pesquisa da formação de marcadores discursivos em português. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 56, pp. 318-33, 2022.
- RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, Graça et al. (eds). *Gramática derivacional do Português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. pp. 385-431.
- SILVA, J. A.; LIMA, G. M. M. Caso Hans: um marco na psicanálise com crianças. *Rios Eletrônica (FASETE)*, Fortaleza, v. 18, pp. 147-54, 2018.
- SIMÕES NETO, N. A. Compostos do português em uma abordagem construcional: perspectivas de análise e desafios teóricos. In: SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2022, v. 1, pp. 193-236.
- SIMÕES NETO, N. A. Os padrões sufixais latinos $[X_{Ni}-\tilde{it}\tilde{a}]_{Sj}$ e $[X_{Ni}-\tilde{it}\tilde{e}s]_{Sj}$ e os desenvolvimentos $[X_{Ai}-i\tilde{c}a]_{Sj}$, $[X_i-ice]_{Sj}$, $[X_i-ez]_{Sj}$ E $[X_{Ai}-eza]_{Sj}$ no português arcaico (séculos XIII-XVI): uma abordagem construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, pp. 266-87, 2021.
- SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da Morfologia Construcional. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos (orgs.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 345-78.
- TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.
- VILLALVA, A. Formação de palavras: composição. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. pp. 969-83.
- ZORZANELLI, R. T. Neurastenia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl.2, dez. 2010, pp.431-46.